

GUIA DE APOIO DIDÁTICO

MEMÓRIAS E PRÁTICAS DO OFÍCIO DE PARTEJAR EM ITAPETINGA/BAHIA ENTRE 1930-1970:

POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA A PARTIR DO MURAL DAS PARTEIRAS



LEANDRA COUTO ROCHA

LEANDRA COUTO ROCHA

MEMÓRIAS E PRÁTICAS DO OFÍCIO DE PARTEJAR EM ITAPETINGA/BAHIA ENTRE 1930-1970:

POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA A PARTIR DO MURAL DAS PARTEIRAS



CAPA

Ana Paula Rocha Oliveira Abrantes

DIAGRAMAÇÃO

Ana Paula Rocha Oliveira Abrantes

TEXTO E REVISÃO

Leandra Couto Rocha



Este material foi elaborado como produto educacional do Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) sob orientação da Prof^a Dr^a Grayce Mayre Bonfim Souza.

R574m

Rocha, Leandra Couto.

Memórias e práticas do ofício de partejar em Itapetinga/ Bahia entre 1930-1970: possibilidades pedagógicas para o ensino de história a partir do mural das parteiras. / Leandra Couto Rocha, 2024.

67f. il.

Orientador (a): Dr^a. Grayce Mayre Bonfim Souza.

Produto Educacional (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós Graduação do Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória, Vitória da Conquista, 2024.

Inclui referência F. 64 - 65

1. Mulheres na história. 2. Parteiras - Itapetinga - Ba. 3. Parteiras - Memória. 4. Guia de apoio didático. I. Souza, Grayce Mayre Bonfim. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Mestrado Profissional em Ensino de história- ProfHistória. III. T.

CDD 618.20023

01	APRESENTAÇÃO.....	04
02	INTRODUÇÃO..... Pelas trilhas da pesquisa	06
03	TRILHA 01: “EXISTIR, VIVER E SER”:	09
	Contextualizando sobre as mulheres na história	
04	TRILHA 02:.....	12
	Um mural contando histórias de parteiras em Itapetinga	
05	TRILHA 03.....	16
	Saber de parteira e Patrimonialização	
06	TRILHA 04:	23
	Através das vozes das parteiras e das comadres	
07	TRILHAS DE ATIVIDADES:....	28
08	CONCLUSÃO.....	53
09	ANEXOS:	54
10	REFERÊNCIAS:	64

Este guia de apoio didático é parte da dissertação do Mestrado Profissional em Ensino de História –Profhistória –UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. O Profhistória é oferecido em rede nacional e tem como função precípua aprimorar a formação de docentes que estão se inserindo no mercado de trabalho ou já estão atuando em sala de aula.

Objetivando esse diálogo entre as discussões acadêmicas e a Educação Básica de ensino, o programa propõe que além da pesquisa historiográfica, o/a discente elabore ao final uma proposição didática alinhada às discussões decorrentes da dissertação.

Nossa pesquisa intitulada: “Memórias e práticas do ofício de partejar em Itapetinga/Bahia entre 1930-1970: possibilidades pedagógicas para o ensino de história a partir do Mural das Parteiras”, sob a orientação da Professora Dr.^a Grayce Mayre Bonfim Souza insere-se na linha de pesquisa: “Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória”, de modo que nos propomos a analisar uma obra de arte visual que remete ao ofício de partejar praticado em Itapetinga entre as décadas de 1930 a 1970.

Elaboramos um guia de apoio didático com propostas de atividades para professores e professoras da Educação Básica, que desejam inserir em sua prática docente a temática do patrimônio intangível, a partir da problematização da obra Mural das Parteiras. Importante lembrarmos que não obstante a obra referir-se às parteiras de Itapetinga, Bahia, o formato das atividades propostas permitem adequações para outros temas pertinentes à categoria do patrimônio imaterial e material em outros contextos territoriais bem como, outras modalidade de ensino.

A pesquisa tem como aporte teórico os pressupostos da história Cultural e a história oral como metodologia e fonte. A história oral como “arte da escuta” nos proporcionou ao longo da pesquisa aproximações com pessoas e informações ainda não registradas pelas documentações escritas ou de outra natureza, sem as quais seria inviável a efetivação dessa pesquisa. Portelli (2010) assegura que o trabalho do entrevistador deve se basear pela parceria com o narrador, não o percebendo enquanto mero informante, pois,

não são objetos da investigação, mas sujeitos de um projeto compartilhado, de um diálogo entre entrevistado e entrevistador. Um diálogo em que os papéis se modificam, mudam, em que nem sempre é o historiador quem faz as perguntas, há perguntas colocadas pelo entrevistado. Há duas agendas que se encontram: a agenda do historiador, que tem perguntas, algumas coisa que queremos saber; e a agenda do entrevistado, que aproveita a presença do historiador para contar as histórias que quer contar, as quais não são necessariamente as histórias que buscamos. E talvez, amiúde, são mais interessantes do que as histórias que buscamos (Portelli, 2010, p. 3-4).

Qual a implicação de pensarmos na história cultural para a abordagem de um documento histórico local que evoca práticas e representações de um dado ofício? Apoiamo-nos em Barros (2005) ao enunciar que

as noções complementares de “práticas e representações” são bastante úteis, porque através delas podemos examinar tanto os objetos culturais produzidos como os sujeitos produtores e receptores de cultura, os processos que envolvem a produção e difusão cultural, os sistemas que dão suporte a estes processos e sujeitos, e por fim as normas a que se conformam as sociedades quando produzem cultura, inclusive mediante a consolidação de seus costumes (Barros, 2005, p. 135).

Para nós essas noções, que segundo o autor ainda se encontram em discussão no campo da historiografia, servem como lentes através das quais buscamos examinar no universo do partejamento, as relações socialmente produzidas a partir do fazer das parteiras, parturientes e outros sujeitos que tangenciavam a realidade aludida em Itapetinga entre os anos de 1930 a 1970.

Recorrendo aos dispositivos da história oral nos atentamos às percepções de vários sujeitos através de entrevistas realizadas com parteiras da cidade e região, pessoas que conviveram com elas, parentes amigos e profissionais da cidade que indiretamente se ligavam ao tema.

As aulas de história tornam-se campos férteis para o desvelamento da realidade, mas também devem tornarem-se espaço para o acolhimento da alteridade e subjetividades de todos os sujeitos, por isso, ao propormos um tema de estudo que tem como foco múltiplas dimensões, a saber, práticas culturais-história de mulheres-arte-patrimônio- memória e história local, estamos projetando o ensino numa perspectiva mais humana e crítica conforme pressupõem a própria disciplina, não obstante as políticas de educação liberalizantes e desafiadoras dos últimos tempos. Para além disso, concordamos com Bittencourt (2012).

O professor de história pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias; o saber fazer, o saber fazer bem, lançar os germes do histórico. Ele é responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vistas. Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e a reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas, procurando transformar, em cada aula de História, temas em problemática (Bittencourt, 2012, p. 57).

Neste sentido, buscamos elaborar uma proposta didática inspirada na perspectiva crítica delineada por Demerval Saviani, qual não nos ocuparemos por ora. Vale esclarecer, entretanto, que não temos a pretensão de esgotarmos as atividades decorrentes da temática em estudo, antes, ensejamos que cada docente em contato com o guia didático, possa sentir - se inspirado em elaborar novas proposições em conformidade a um determinado bem cultural.

As atividades que constam neste guia foram pensadas para serem desenvolvidas para as séries finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio por abarcarem estudantes cuja faixa - etária apresenta maior maturidade para compreensão dos conceitos históricos contemplados na elaboração do saber histórico escolar.



PELAS TRILHAS DA PESQUISA

Olá, professor e professora!

Convidamos vocês a se lançarem conosco em uma aventura histórica. Venham conhecer o percurso de nossa pesquisa. Dedicamo-nos durante alguns meses, debruçados em leituras e em uma prazerosa experiência de pesquisa de campo, dialogando com pessoas da cidade de Itapetinga que através de suas narrativas nos conduziram às histórias das parteiras que atuaram na cidade. Talvez você também seja um/a “filho/a de pegação” dessas mulheres parteiras com as quais nos encontramos pelo caminho, ou de algum modo, as parteiras estejam presentes na sua história familiar.

Preparamos para você, sumariamente o percurso de nossa pesquisa historiográfica conforme o desenvolvimento de cada capítulo da dissertação até a concepção da proposição didática. Denominamos de trilhas da pesquisa. Espero que ao caminhar conosco possa igualmente vislumbrar as paisagens do caminho, os objetos e, sobretudo, as pessoas, sujeitos que ao não se furtarem de compartilhar conosco suas histórias e memórias foram tecendo narrativas, e assim, construindo os sentidos da pesquisa.

Antes de adentrarmos na primeira trilha, queremos compartilhar com vocês o exato momento do que viria se concretizar anos mais tarde, começou a se delinear. Em 2018 somos convidados para assistir uma palestra de um artista plástico na FACI - Fundação e Associação Cultural Itapetinguense. Assim que adentramos o espaço nos deparamos com um painel colorido com três mulheres imponentemente emolduradas. Estávamos diante de uma obra de arte de cerca de 9 metros, denominada Mural das Parteiras.

Nos aquietamos para escutar o diretor do espaço, os testemunhos de pessoas que nasceram pelas mãos de parteiras e finalmente, o autor, o artista plástico Roney George¹, relatar a respeito de sua motivação e seu processo criativo para um público composto por estudantes e professores.

¹ Roney George é artista plástico, formado pela Escola de Belas Artes-UFBA escritor, diretor e produtor artístico. Já fez diversas exposições na Europa e África e em 2018 voltou à sua cidade natal para pintar o Mural das Parteiras, a primeira homenagem iconográfica a mulheres de Itapetinga.

Para conhecer mais acesse: <https://www.flickr.com/people/roneygeorge/> Acesso em 23 de jan. 2023 e <https://carlossmaciel.blogspot.com/2018/03/mural-das-parteiras-em-itapetinga-conta.html> Acesso em jan. 2023.

Permanecemos por ali por algum tempo contemplando a obra. No bloco de notas rascunhamos os primeiros rudimentos para uma proposta de atividade que foi posteriormente aplicada, mesmo sem amadurecimento das ideias e das conexões que seriam possíveis de serem realizadas a partir daquele mural. Coisas costumeiras de professor/a da Educação Básica. Todavia, nascia ali uma inquietação para pesquisa.

“as indagações, as inquietudes, a problemática da pesquisa que na constante comparação de documentos oferece a possibilidade de narrar o passado: Tudo o que foi um dia contado de uma forma, pode vir a ser contado de outra. Tudo o que hoje acontecerá terá no futuro, várias versões narrativas” (Pesavento, 2012, p. 16).

Mural das Parteiras - Autor: Roney George - 2018



Mural das Parteiras - obra de Roney George 2018 -Itapetinga. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

A contemplação da obra e a escuta nos instigaram a buscar outros olhares para além daquilo que se vê. O/A professor/a de história diante de um registro dos fazeres humanos, o que vê? A humanidade produzindo sua história em suas práticas cotidianas ordinárias. Seria tão corriqueiro o partejamento popular quando não existiam clínicas ou hospitais em Itapetinga a ponto de não mais despertarem curiosidades? Tal realidade espelhava-se em tantas cidades e famílias que ninguém prestava mais atenção. Saímos de lá e retomamos nossa vida também ordinária, entretanto, agora havia uma questão para se pensar. A multiplicidade de cores do mural, sua beleza e suas mulheres. Quem eram aquelas representadas na obra? Como viviam? Quais ruas dessa cidade habitam? Quantas crianças nasceram por suas mãos? Quantas vezes saíram no meio da noite a fim de atender a um pai desesperado: “corra, o menino quer nascer hoje”. Quantas mãos e mães se realizaram a partir desse evento histórico chamado parto?

Quando em 2022 ingressamos no ProfHistória, não restava dúvida. Perspektivamos a pesquisa sobre as parteiras. Da primeira contemplação do belo e da arte somaram-se delineamentos teóricos metodológicos. Entre a fruição e a problematização fomos perfazendo o caminho da pesquisa historiográfica e da pesquisa de campo. Neste percurso aprendemos a arte de escutar e, travamos diálogos com nossas fontes nas entrevistas. Assumimos entre/vistas, segundo Portelli (2016). Em pesquisa de campo aprendemos que aquele que fala é mais importante que o *script* pronto de quem pergunta e, que muitas perguntas ensejam outras e outras, enseja o silêncio. E o silêncio fala. O pesquisador atento ouve. Do entrelaçamento das fontes orais, iconográficas e historiográficas nasceu a presente dissertação.

“Narrativas, sujeitos, memória, história e identidades são a humanidade em movimento. São olhares que permeiam tempos heterogêneos. São a história em construção. São memórias que falam” (Delgado, 2010, p.37).



Trilha 01: “Existir, viver e ser”

CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE AS MULHERES NA HISTÓRIA



O título que sinaliza essa trilha vem da historiadora Mary Del Priore (2008) quando questionada porque escrever sobre a história das mulheres. Os três verbos que formam a frase sugerem a dimensão do trabalho das mulheres no processo histórico e da própria historicidade relacionada aos seus fazeres e formas de viver. Neste caminho, nos propomos a dialogar a partir, sobretudo, de Perrot (2017) que nos chamou atenção ao desvelar o silêncio das mulheres nos documentos. Os silenciamentos se configuram na evidente negação do direito à fala ou invariavelmente em formas de violências simbólicas, quando, por exemplo, as histórias de mulheres são contadas por homens. Nesse sentido, no artigo *História Oral & História das Mulheres: Entre Silenciamentos e Memórias*, Corrent (2022) elucida que,

Verifica-se que as mulheres veem sua história dissolvida na história dos homens e, além disso, são silenciadas e esquecidas em determinadas fontes, evidenciando que grande parcela da humanidade parece furta-se ao exame e a história tem grandes dificuldades em erigir essa multidão em objeto histórico (Corrent, 2022, p. 328).

Sobre as representações no mundo social, recorremos a Chartier ao esclarecer que as representações “são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam” (Chartier, 1990, p. 17), de modo que uma história de mulheres que as excluem do espaço da fala torna-se uma história parcial, faltante. Vale ressaltar o que assegura Certeau (1986, *apud* Burke, 1992),

O fato de a particularidade do lugar onde o discurso é produzido ser relevante ficará naturalmente mais evidente quando o discurso historiográfico tratar das questões que focalizam o sujeito-produtor da história: a história das mulheres, dos negros, dos judeus, das minorias sociais [...] (Certeau, 1986, *apud* Burke, 1992, p.78).

Neste sentido, averiguamos também tal ausência ou ainda, a precariedade dessas fontes na Educação Básica. Entendendo os currículos como lugares de poder e disputas, é urgente que o professor/a pesquisador/a se questione sobre a conexão entre ensino de história memória e história das mulheres. Quais são as memórias em disputas?

Intentando responder ao questionamento acima enquanto docente no que se refere ao tema: assumimos a concepção de memória como campo de lutas políticas, cabendo à história fornecer as ferramentas de investigação, segundo Ramos (2010) e que o ensino de história é um “lugar de fronteira” entre história e memória, conforme Monteiro (2007) porque lugar de reflexão crítica, de revisão de usos do passado, no qual a história é o conhecimento deflagrador de abordagens, análises, reflexões, novas compreensões.

A história não existe para defender memória. Alimenta-se dela, mas não somente, visto que a memória não existe por si só. Nora (1993) pontua que,

A memória está na esfera do tempo vivido e a história na esfera da problematização do vivido: “A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo” (Nora, 1993, p.7).

Nesta trilha, tornava-se imprescindível a discussão sobre o patrimônio cultural imaterial e sua relação com o ensino da história escolar. Corroborando com a noção humanizadora do patrimônio no contexto educacional, a pesquisadora Carmem Gil, assegura que “a educação patrimonial poderia definir-se como um conjunto de situações de aprendizagem de/para/desde/com o patrimônio” (Gil, 2019, p. 117). Tal percepção nos reporta aos referenciais culturais que se vinculam às pessoas ou a uma comunidade.

Homenagem às parteiras na ornamentação do São João no Parque Poliesportivo da Lagoa -Itapetinga .2005.



Fonte : Foto cedida por colaborador da pesquisa

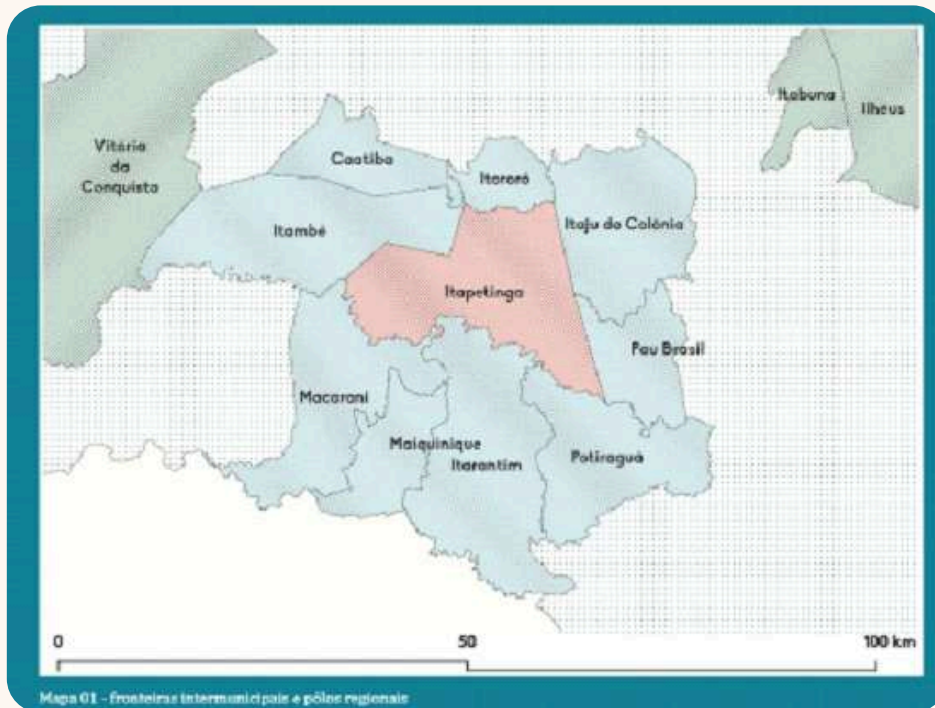


Trilha 02: Um mural contando história de parteiras em Itapetinga

Uma cidade, um campo, de longe são uma cidade e um campo, mas à medida que nos aproximamos são casas, árvores, telhas, folhas, capins, formigas, pernas de formigas, até o infinito. Tudo isso está envolto no nome campo.- Blaise Pascal.

Nossa reflexão está focalizada no município de Itapetinga, Bahia, região situada no território da microrregião do sudoeste da Bahia, a 576 km da capital, Salvador. Segundo dados do último censo, conta com uma população de 65.897 mil habitantes, ocupa uma área de 1.651,158 Km², o que o coloca na posição 90^a dentre os municípios da Bahia.

Mapa de Itapetinga: fronteiras intermunicipais



Fonte: Júlia Figueiredo (2022).

Considerando o âmbito da pesquisa, é importante informarmos que nossa perspectiva de história contempla a possibilidade de percebermos em escala menor as ações dos sujeitos comuns em seu fazer cotidiano. Em outras palavras conforme Samuel (1989),

ao invés de considerar a localidade por si mesma como objeto de pesquisa, o historiador poderá escolher como ponto de partida algum elemento da vida que seja por si só, limitado, tanto em tempo como em espaço, mas usado como uma janela para o mundo (Samuel, 1989, p. 229).

A história da cidade de Itapetinga tem sido narrada por escritores locais enfatizando o seu passado histórico, sobretudo, a tradição da pecuária ou a cultura do boi, como preferem alguns. Pesquisas mais recentes, entretanto, têm apontado a presença do povo indígena Camacã na região antes da chegada dos chamados “pioneiros”. Tal constatação demanda uma nova ótica da cidade sobre si e a forma como se estruturou. Reconhecer sua origem como Itatinga, do tupi, pedra branca, não é suficiente para repensar as bases sobre qual se deu todo seu processo de ocupação, colonização e emancipação.

Ao problematizarmos acerca do seu desenvolvimento, no contexto de nossa pesquisa, não podemos deixar de questionar acerca do apagamento da presença indígena, também o silenciamento das pessoas comuns cuja presença construiu e vem construindo Itapetinga.

Pesavento (2012, p. 118) lembra que uma das características da História Cultural foi “trazer à tona o indivíduo, como sujeito da História, recompondo histórias de vida, particularmente daqueles egressos das camadas populares”. Intentando situar essas personagens anônimas na formação do município, investimos esforços em compreender a implantação da primeira Associação Cultural Itapetinguense - ACI, em 1936 que mais tarde veio a tornar-se a FACI.

A presença imponente do mural das parteiras neste espaço, nos instiga pelo simbolismo que representa na história da cidade. Segundo Emerson Campos (2006) a associação foi idealizada pelo primeiro médico do distrito, o Doutor Orlando Borges Bahia e já em 1936 foi fundada como ACI - Associação Cultural Itapetinguense, com vistas a se constituir como local de reunião para discussão de assuntos da comunidade com as pessoas “influentes” que moravam em locais longínquos, tais como nas fazendas.

Como podemos notar, ao analisarmos a historicidade dessa instituição, percebemos com mais clareza sua relação com as sociabilidades e a memória em torno da cidade.

Fundação Associação Cultural Itapetinguense



Fonte: Foto da autora da pesquisa

“O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa” (Le Goff, 1996, p. 545).

POR QUE UM MURAL?

Uma vez escolhido o tema, recorreremos aos documentos e elegemos o Mural das Parteiras como documento histórico a ser problematizado, o que nos conduziria a outros desdobramentos à medida que adentrarmos a pesquisa de campo.

A problematização do documento é feita a partir das questões que nos impomos no presente. E como nos lembra Le Goff (2001) no prefácio do clássico *Apologia da História*, “os documentos e os testemunhos só falam quando sabemos interrogá-los” (Bloch, 2001, p. 28). Ele não é neutro e nem ingênuo. É preciso analisá-lo e investigá-lo.

- ZARBATO, Jaqueline Aparecida Martins. Cultura, memória e patrimônio na sala de aula: o uso do monumento na aprendizagem histórica. In: Patrimônio, cultura e processos educativos em História: percursos e reflexões. Campo Grande: Life, 2018. p. 43-56.
- DE VARGAS GIL, C. Z. Educação Patrimonial no Ensino de História: reconhecer, valorizar e reparar. Palavras ABEHrtas, [S. l.], n. 4, 2021. Disponível em: <https://palavrasabehrtas.abeh.org.br/index.php/palavrasABEHrtas/article/view/38>

Na História da arte, encontramos ferramentas para melhor entendermos o lugar e o documento. Na arte mural tem um elemento democrático interessante, ou seja, “o estatuto da arte mural consiste muito mais no ato de doar-se publicamente àqueles que transitam ao seu redor” (Camargo, 2010, p. 192).

A arte mural não pode ser reduzida à sua materialidade e nesse sentido, importa percebermos os sujeitos que leem as práticas e as representam e os que leem as representações criando novas práticas. Como nos afirma Chartier (1991) “as ideias não são desencarnadas”.



Trilha 03: saber-fazer das parteiras:

CONHECER E ESCUTAR



Ilustração da cena do parto no século XVI



Fonte: COELHO, Guilherme. A arquitetura e a Assistência ao parto e nascimento (2003)

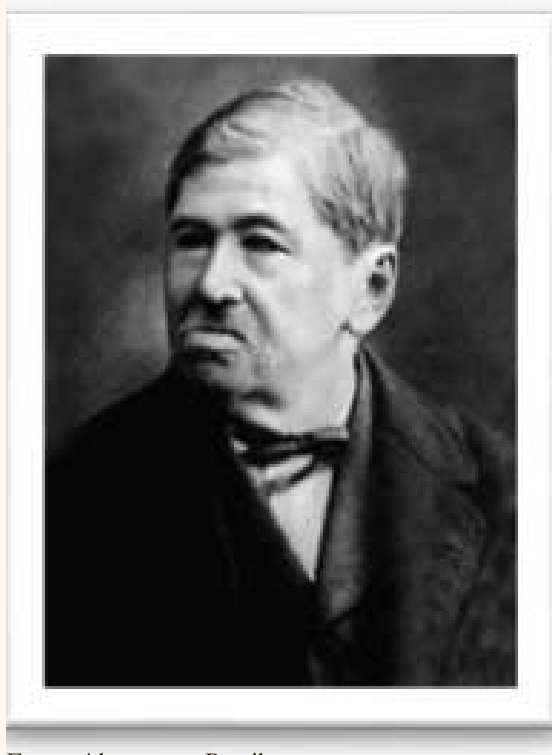
Ancoramos nossa pesquisa no ofício de partejar, intentando problematizar as parteiras enquanto sujeitos resultantes das práticas culturais das sociedades que estão inseridas e neste sentido, podemos apontar o partejamento como produto de cruzamento de aspectos objetivos e subjetivos mobilizados entre parturientes e parteiras.

Muitas histórias de parto, principalmente das famílias mais pobres foram construídas “nas margens”, como alude Del Priore (2008). Desde a antiguidade os critérios para ser parteiras baseavam-se na experiência, de tal modo que encontraremos muitas parteiras quase sempre mulheres mais velhas, reconhecidas como idôneas pela comunidade. Tratava-se de um saber ancestral repassado pela oralidade e claro, adaptado conforme os contextos locais. Evidenciamos, portanto, a heterogeneidade em torno do ofício, de modo que uma visão romântica e saudosista sobre o partejamento reduz a perspectiva sobre os saberes e incorre na visão equivocada sobre a potencialidade dos/as sujeitos históricos em situações concretas.

Carneiro (2003) comenta que, para Jacques Gélis,

até o século XVIII o parto sem parteira é inconcebível. Essa mulher de saberes práticos, vinda do fundo dos tempos, herdeira de pequenos segredos e do toque da mão daquela que a precedeu, confidente das suas companheiras, depositária da tradição” (Carneiro, 2003, p. 45).

Madame Durocher



Fonte: Almanaque Brasil

Diversas parteiras foram diplomadas no Rio de Janeiro e muitas dividindo consultório com médicos. A título de exemplo, destacaremos o caso da parteira diplomada Maria Josefina Matilde Durocher (1808-93) conhecida como Madame Durocher, que será um dos nomes mais reconhecidos nesse contexto.

sua vida se aproxima a de outras mulheres do Brasil urbano do século XIX que sobreviveram do mesmo ofício de parteira como também das costureiras e modistas que cruzaram o Atlântico para fazer a América e ainda das escritoras que em pleno regime escravista chegaram a expor suas ideias contra a escravidão (Mott, 1994, p. 102).

Conheça a história de Madame Durocher: MOTT, Maria L. de Barros de. Madame Durocher: modista e parteira. Estudos Feministas, n. 1, p. 101-116, 1994.



A história do partejamento no Brasil e no mundo está permeada de leituras equivocadas pelas instituições religiosas e científicas. De um lado, já foram acusadas de bruxaria, e por isso, perseguidas e de outro, acusadas de obscurantismos e ignorância. Tiveram que se submeter a exames a fim de terem suas práticas oficializadas. Exemplo disso, se concretiza nas ações engendradas pela Fisicatura -mor no Brasil a partir do século XIX.

Perrot (2017) afirma que o parto medicalizou-se e masculinizou-se. Esse processo ocorreu na teia das disputas dos micros poderes e, paulatinamente com a entrada do saber científico na cena do parto. Se antes era coisas de mulheres como nos diz Del Priore (1993), aos poucos a mulher é retirada desse protagonismo e seu espaço é ocupado pelo médico. Um processo que perpassa pela disciplinarização dos corpos, “as disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois pólos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida” (Foucault, 1998, p. 130-131).

A visão científica sobre a assistência ao parto é implementada, não sem enfrentar resistências de adesão de muitas mulheres que ainda preferiam consultar suas parteiras.

Na tessitura do texto que íamos escrevendo/lendo/ouvindo nos vimos impelidos a adentrarmos na trilha que se erigia diante de nós. Nos referimos ao processo de patrimonialização do ofício das Parteiras tradicionais, uma ação promovida pela Universidade Federal de Pernambuco, pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Artístico nacional e Instituto Nômades.

Ainda em processo de tramitação para ser reconhecido em âmbito nacional enquanto patrimônio imaterial, não obstante o saber das parteiras ter sido ao longo da história experienciado, atestado, ainda encontram resistências visões preconceituosas e folclorizadas que concebem o partejamento popular como algo cristalizado no passado.

O registro do ofício de parteira tradicional se ampara na antiguidade e continuidade desse bem cultural, além de inserção na vida comunitária e de seu caráter dialógico que conecta conhecimentos de matrizes culturais distintas do Brasil. Os saberes e práticas seculares das parteiras tradicionais são transmitidos pela oralidade, o que exige um cuidado especial para salvaguardar esse conteúdo tão valioso historicamente. Há riscos de os perdermos por serem construídos e manejados por mulheres de avançada idade que podem não deixar registros de seus conhecimentos relacionados à gestação, parto e puerpério (IPHAN, 2021, p. 189).

O reconhecimento ampara-se não apenas na percepção e reconhecimento da comunidade, mas tem base legal no artigo 216 da Constituição Federal de 1988, bem como no Decreto 3.551/2000 para requerer o registro no Livro dos Saberes.

Sabia que o primeiro ofício imaterial a ter seu registro reconhecido foi o ofício das paneleiras de Goiabeiras no Espírito Santo? Acesse:

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Paneleira%20de%20Goiabeiras.pdf>



Art. 1º Fica instituído o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro.

§ 1º Esse registro se fará em um dos seguintes livros:

I - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;

II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;

III - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;

IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

§ 2º A inscrição num dos livros de registro terá sempre como referência a continuidade histórica do bem e sua relevância nacional para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira.

§ 3º Outros livros de registro poderão ser abertos para a inscrição de bens culturais de natureza imaterial que constituam patrimônio cultural brasileiro e não se enquadrem nos livros definidos no parágrafo primeiro deste artigo (Brasil, 1988).

À luz da legislação e pesquisas realizadas no site do IPHAN nos apropriamos desse caminho conjuntamente com o estudo do Dossiê Parteiras Tradicionais do Brasil, documento requerido para inscrição no Livro de Registro dos Saberes, com vistas ao reconhecimento das práticas do ofício das parteiras e salvaguarda como patrimônio imaterial do Brasil. Já existem no Brasil, vários bens culturais que estão registrados como patrimônio imaterial.

O Dossiê Parteiras Tradicionais do Brasil apresenta uma gama de informações sobre o ofício das parteiras, apoiando-se em pesquisa etnográfica, registro audiovisual e na história oral com entrevistas com parteiras, sobretudo, residentes no norte do país, além de apresentar as atividades realizadas pelas associações de parteiras que ainda resistem.

Debruçar-se sobre o universo das parteiras tradicionais com uma perspectiva patrimonial permite-nos a construção de novas narrativas acerca de seu universo. Essa abordagem patrimonial é nova e se fundamenta numa Política de Salvaguarda orientada pela melhoria das condições sociais e materiais de transmissão e reprodução desse bem cultural (IPHAN, 2021, p. 20).



Faça o download do Dossiê das Parteiras Tradicionais:



Capa e contra capa do Dossiê das Parteiras Tradicionais (2021)



Fonte: foto da capa do dossiê.

Com vistas a torná-lo didático, o texto do Dossiê foi estruturado a partir de três categorias, a saber: redes de cuidado, dom e dádiva e simbiose. Mediante a impossibilidade de explicitarmos detalhes de cada um dessas categorias aqui nos limites deste trabalho, optamos por sublinharmos um traço de cada categoria. Importante destacar, que cada uma das categorias mencionadas no documento, emergiu da percepção das próprias parteiras.

Historicamente as parteiras formam uma rede de apoio e cuidado não apenas em relação às parturientes no período da gestação, como uma espécie de pré-natal, acompanhando a evolução da gravidez, no momento do parto respeitando o ritmo biológico do corpo da mulher, suas subjetividades, acolhendo as dores e as angústias com naturalidade, de modo a oferecer conforto à parturiente. O apoio se estende também ao pós-parto tanto à mãe quanto ao recém-nascido. O cuidado com o coto umbilical é apontado como uma das maiores preocupações das parteiras.

Sobre o dom e a dádiva, encontramos nos relatos de parteiras a percepção de dom e missão divina, e isso implica de um modo geral, em não se recusar a partejar independente do lugar e horário bem como, em não aceitar remunerações. Gratidão ou recebimentos de “agrados” era a forma mais recorrente entre as parteiras.

Percebe-se a conotação mística do dom, configurado nas rezas, orações e benzeduras. A oração a Nossa Senhora do bom parto é recorrente. Del Priore (1993) ressalta que no período colonial a imagem de Nossa Senhora do parto, acabou substituindo outras divindades de outras deusas da fertilidade considerada pagãs pela Igreja Católica, “o século XVIII inaugurava uma nova representação da Nossa Senhora do Bom Parto; esta, uma imagem de mulher feliz, com o filho nos braços, figura não mais a dor do parto, mas a glorificação da maternidade realizada” (Del Priore, 1993, p. 278).

Dada a recorrência de parteiras em todo Brasil que associavam e algumas ainda hoje praticam a benzedura, esta tem sido apresentada no Dossiê como um bem cultural compartilhado. Além disso, é importante trazermos à baila outras práticas curativas praticadas, sempre recorrendo às ervas e ramos, como parte constitutiva do cuidado com a parturiente. No que tange a essas aproximações e considerado o perfil socioeconômico majoritário entre essas mulheres, verificamos em Souza (2023) que,

a medicina popular, em oposição a medicina acadêmica, é praticada majoritariamente por pessoas simples, pertencentes às populações pobres que, fazendo uso de ervas, raízes, rezas e simpatias, trabalham no sentido de promover a cura em pessoas também, na sua grande maioria, parte do mesmo meio social (Souza, 2023, p. 38).

A simbiose constitui uma categoria ampla contemplando atividades para além do partejamento. No âmbito do documento, segundo Dona Prazeres, parteira de Pernambuco simbiose é a expressão utilizada para explicar a possibilidade de se lançar mão da biomedicina aliada às práticas populares “sem machucar nem um lado”. Certamente este configure o viés que norteia as práticas das parteiras atualmente, uma vez que estão em contato com formações ministradas por Secretarias de Saúde de algumas regiões do país. A simbiose também se consubstancia no cuidado com a alimentação da mãe, nas relações de comadrio e laços que advêm desse vínculo da parteira conselheira para assuntos da intimidade conjugal e relações familiares etc.

A memória e visibilidade do ofício das parteiras do Brasil representadas pelo universo da pesquisa consiste também em um item imprescindível na exposição do Dossiê. A partir do mote “museu em processo”, foi documentado três experiências museológicas, a saber: o Museu Iaiá Procópio, no Território Kalunga-Go, que atendendo às demandas das comunidades quilombolas, busca o diálogo entre os saberes tradicionais e a comunidade acadêmica, o Museu Sacaca, no Amapá, com aproximação maior com a população indígena e as comunidades ribeirinhas e por fim, o Museu da Parteira, no Pernambuco.

Em linha com o raciocínio de Tornquist (2005, p. 65) que ressalta “a necessidade de buscar o diálogo com a alteridade representado pelas parteiras”, buscamos trilhar este caminho, perfazendo-o não poucas vezes procurando nos guiar pela empatia, solidariedade, valores evidenciados pelas parteiras sem perdermos de vista os referenciais teóricos da história cultural e o alerta que

é preciso não tomar o mundo ou suas representações, no caso - na sua literalidade, como o se fossem o reflexo ou cópia mimética do real. Ir além daquilo que é dito, vai além daquilo que é mostrado é a regra de ação desse historiador detetive, que deve exercitar o seu olhar para os traços secundários, para os detalhes, para os elementos que, sob um olhar menos arguto e perspicaz, passariam despercebidos (Pesavento, 2012, p. 37).



Conheça o Museu da Parteira
<https://museudaparteira.org.br/>

Instagram: Museu da Parteira





Trilha 04: Através das vozes das parteiras e das comadres

Não existem, nas vozes que escutamos, ecos das vozes que emudeceram? (Benjamim, 1994, p. 223).

Em seu livro *A voz do passado*, Thompson (1992, p. 137) afirma que “a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história. [...] transformando os ‘objetos’ de estudo em ‘sujeitos’. Essa consideração do autor podemos vivenciar durante a pesquisa de campo ao encontrarmos pessoas que por meio de entrevistas contribuíram com suas memórias e relatos acerca das parteiras e suas práticas em Itapetinga. Cabe dizer que utilizamos como parâmetro as categorias adotadas no Dossiê a fim de melhor empreender a dinâmica de exposição do texto e na tentativa de encontrar pontos convergentes e divergentes com a documentação do mural e da própria historiografia.

Realizamos entrevista² com o autor do Mural, o atual diretor da FACI, um médico da cidade, uma escritora, parturientes que tiveram seus filhos pelas mãos de parteiras, algumas parteiras e amigos e pessoas mais próximos das parteiras que atuaram entre as décadas de 1930 a 1970. De posse do celular para gravação e de um roteiro semiestruturado empreendemos essa etapa da pesquisa. Alguns relatos chegaram até a nós por escrito, em vista da impossibilidade de a entrevista ser realizada pessoalmente.

O artista plástico responsável pela obra, Roney George, nos forneceu informações tanto sobre a obra em si, sua motivação, estilo e técnica quanto sobre a relação com sua avó que era parteira.

O médico Antônio, que veio para a cidade para compor o quadro de profissionais da então Santa Casa de Misericórdia, destacou em sua entrevista a relevância de um hospital que pudesse atender às parturientes mais pobres. É importante destacar em sua fala, o reconhecimento do trabalho das parteiras, mesmo após a implantação deste hospital em 1970. As parteiras recorriam com frequência aos médicos da cidade, quando percebiam indício de um parto mais complexo, o que evidenciava a prudência e senso de responsabilidade dessas mulheres.

Tanto na historiografia consultada, quanto em Itapetinga, encontramos casos em que as parteiras eram convidadas a trabalharem ao lado de médicos em atendimentos em domicílio, já que muitas gestantes não recorriam aos hospitais devido a dificuldade de acesso e /ou pudor.

Em várias entrevistas, episódios como estes foram pontuados. As três parteiras representadas no mural trabalharam com médicos da cidade, atendendo em domicílios ou no abrigo sempre que eram solicitadas.

²Estamos utilizando pseudônimos para todos os entrevistados e fontes, exceto aquelas de conhecimento público como o artista da obra, as parteiras nela representadas e o diretor da FACI.

Na categoria rede de cuidados, podemos perceber que coadunando com as práticas históricas, as parteiras de Itapetinga e região (Itarantim e Caatiba) costumavam fazer uso de chás e banhos com ervas com vistas a induzir as contrações. A folha de mentrasto foi citada em vários relatos por sua eficácia anti-inflamatória. Os quintais emergiram como um espaço importante no ofício da parteira de onde se extraía sua própria farmacopeia.

Referindo-se ao Brasil colonial Del Priore (1993, p. 282) “pequenas rezas contidas em saquinhos de algodão proferidas pela parteira, secundada pela gestante, eram capazes também de operar milagres”. A devoção se revelou na forma como cada parteira manejava a espiritualidade e sua relação como o sobrenatural. Nossa Senhora do Bom Parto também foi mencionada com certa recorrência tanto na pesquisa documental quanto nas entrevistas. Entretanto, verificamos que em Itapetinga, rezava-se a oração do Pai Nosso, com maior frequência do que menções a um Santo católico ou outra entidade religiosa.

Quanto à categoria dom e dádiva é recorrente a percepção do dom de partejar como algo divino ao qual não se deve negar, conforme comentou a parteira dona Maria Felipa: “se Deus me deu aquele destino é aquele destino que vou viver”. Em diálogo com a antropologia, constata-se que “nessa vida a parte que é a nossa, nós mesmos não podemos ficar ‘em dívida’ como ainda costumamos dizer, é preciso retribuir mais do que se recebeu. A devolução é sempre maior e mais cara” (Mauss, 2003, p. 294).

Consoante à perspectiva do dom, as parteiras não cobravam, contrariamente, recebiam gratificações das famílias assistidas. Entretanto, alguns relatos apontaram que não obstante o trabalho das parteiras não se configurar como profissão remunerada, poderia ocorrer em alguns casos, recebimento de algum valor em espécie, conforme condições financeiras da família. Ressaltaram que a ausência deste nunca foi um impedimento para realização dos partos com parteiras.

Del Priore (1993, p. 255) afirma que quanto ao papel da parteira para além do parto, no Brasil Colônia “aos cuidados físicos somavam-se os psicológicos, pois a parteira está encarregada de confortar e admoestar a parturiente” (Del Priore, 1993, p. 265). Contemplamos essa atitude como parte da categoria simbiose. Em Itapetinga, as parteiras são apontadas como pessoas muito respeitadas na cidade de tal modo, que atuavam em determinadas circunstâncias como conselheiras e apoiadoras de nomes influentes da política local.

A respeito de coragem e legitimidade da prática, o relato sobre o nascimento de trigêmeos pelas mãos da parteira Dona Olímpia, é apontado por Lélia. Embora o relato se refira a uma situação de uma parteira específica, evocam elementos como coragem e obstinação que perpassa a prática de todas as demais parteiras, pois conforme Del Priore os partos de gêmeos era imerso em muitas superstições e aterrorizava muitas mulheres.

Parteira Maria Olímpia com trigêmeos



Fonte : Foto cedida por colaboradora da pesquisa

Muitos estudos já demonstraram o acirramento entre o paradigma do partejamento científico e a medicina popular praticada pelas parteiras, o que invariavelmente ocasionava conflitos. A medicalização do parto promoveu o protagonismo masculino na prática que antes, era quase que totalmente restrita às mulheres no ambiente doméstico.

A percepção do parto pelo viés da racionalidade científica, que passava a esquadrinhar o corpo feminino por outros parâmetros, promoveu em todo mundo discursos desqualificadores sobre as práticas das parteiras, e em nossa pesquisa também encontramos situações constrangedoras vivenciadas por algumas parteiras, apesar do relato médico nos ter revelado acerca do respeito mútuo entre parteiras e médicos.

Evidenciou-se em todos os casos a consciência das parteiras acerca de suas limitações técnicas em situações de emitente risco à vida da parturiente e criança. Fato corroborado pelo médico entrevistado por nós.

Os relatos das entrevistas no primeiro momento transparecem uma visão romântica ou ingênua sobre o parto com parteiras, entretanto quando cotejados comas fontes escritas como podemos atestar na pesquisa historiográfica, remetem às experiências vivenciadas históricas em outros contextos no Brasil e outros lugares no mundo.

Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios [...] consideremos agora a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio. Não é menos verdade que não nos lembramos senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento tempo, isto é, que nossa memória não se confunde com a dos outros (Halbwachs, 1990, p. 51-54).

A guisa de conclusão, queremos recorrer à Bosi (1987) cuja pesquisa e experiência retratada em seu livro *Memória e Sociedade: lembrança de velhos* espelha nossa percepção na pesquisa de campo, pois

a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloram depois a entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas paisagens não foram registradas, foram contadas por confiança, como confidências. Continuando a escutar, ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito (Bosi, 1987, p. 3).

Vale esclarecer que não se constituiu objetivo da pesquisa enunciar biografias de parteiras, embora à medida que escutávamos atentamente cada um dos relatos a respeito de suas vidas permeadas por suas práticas de partejamento, fôssemos tomados pela consciência da necessidade de um registro minucioso, uma vez que cada uma das histórias tanto por suas singularidades quanto por sua relação com o imaginário coletivo da formação sóciohistórica da cidade. Outros trabalhos certamente poderão se ocupar de tal intento, feito que enriqueceria não apenas a história de Itapetinga bem como na historiografia sobre o tema como um todo.



TRILHAS DE ATIVIDADES





As trilhas de atividades deste guia didático estão apoiadas nos pressupostos da didática da pedagogia histórico-crítica de João Luiz Gasparin (2012) e nas reflexões de Petenucci (2018) e Saviani (1999, 2013).

A pedagogia histórica crítica nasce, segundo Petenucci (2018) da percepção dos professores dos limites das pedagogias de educação que moldavam metodologias de ensino no Brasil. Nas décadas de setenta e oitenta majoritariamente a pedagogia tradicional dominava o espaço escolar, seguido da pedagogia escola novista. Embora parecessem antagônica entre si, apresentavam um ponto comum: não questionavam a realidade histórica em que aos/as sujeitos estavam inseridos desvinculando a educação da existência histórica. As teorias críticas apontam o caráter reprodutivista das concepções de educação até então vigentes, mas não apresentam alternativas para superá-las.

Contra a pedagogia essencialista e a pedagogia da existência, Saviani (2013) sugere uma pedagogia revolucionária, enraizada historicamente como um caminho possível de superação do *status quo* hegemônico. Adota o termo pedagogia histórico crítica, pertinente ao propósito dessa perspectiva crítica sem ser reprodutivista com base na concepção do materialismo histórico, isto é, “procura compreender e explicar o todo desse processo, abrangendo desde a forma como são produzidas as relações sociais e suas condições de existências até a inserção da educação nesse processo” (Saviani, 2013, p. 120).

A perspectiva histórica-crítica enraizada historicamente, centra-se na práxis social estimulando o/a educando/a perceber-se enquanto sujeito inserido em uma determinada realidade construída socialmente, se compromete com o ensino crítico e problematizador no qual elementos do processo de ensino-aprendizagem, como conteúdo e ação docente que nos últimos anos vem perdendo espaço no bojo de reformas educacionais, são segundo a perspectiva em tela, assumidas como imprescindíveis.

Pedagogia Histórico crítica

“Em suma, a passagem da visão crítico- mecanicista crítico -a- histórica para uma visão crítico- dialética, portanto, histórico- crítica, da educação, é o que eu quero traduzir com a expressão pedagogia histórico-crítica”
(Saviani, 2013, p. 80)



Para conhecer melhor a pedagogia histórico-crítica:

GASPARIN, João Luís. Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

PETENUCCI, Maria Cristina. Desvelando a pedagogia histórico-crítica. Secretaria de Educação do Estado do Paraná. Curitiba, 2008. 26 p. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2289-6.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2023.

SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 32. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

_____. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

Compreendendo o método da Pedagogia histórico crítica:



01 - Prática Social Inicial

Nível de desenvolvimento atual do educando: se expressa pela prática social inicial dos conteúdos. Tem seu ponto de partida no conhecimento prévio do professor e dos educandos. É o que o professor e alunos já sabem sobre o conteúdo, no ponto de partida, em níveis diferenciados. Esse passo desenvolve-se basicamente, em dois momentos:

- a) O professor anuncia aos alunos os conteúdos que serão estudados e seus respectivos objetivos;
- b) O professor busca conhecer os educandos através do diálogo, percebendo qual a vivência próxima e remota cotidiana desse conteúdo, antes que lhe seja ensinado em sala de aula, desafiando-os, para que manifestem suas curiosidades, dizendo o que gostariam de saber a mais sobre esse conteúdo;

02 - Problematização

Consiste na explicação dos principais problemas postos pela prática social, relacionados ao conteúdo que será tratado. Este passo desenvolve-se na realização de:

- a) Uma breve discussão sobre esses problemas em sua relação com o conteúdo científico do programa, buscando as razões pelas quais o conteúdo escolar deve ou precisa ser aprendido;
- b) Em seguida, transforma-se esse conhecimento em questões, em perguntas problematizadora levando em conta as dimensões científica, conceitual, cultural, histórica, social, política, ética, econômica, religiosa etc, conforme os aspectos sobre os quais se deseja abordar o tema, considerando-o sob múltiplos olhares. Essas dimensões do conteúdo são trabalhadas no próximo passo, o da instrumentalização.

03 - Instrumentalização

Essa se expressa no trabalho do professor e dos educandos para a aprendizagem. Para isso, o professor:

- a) apresenta aos alunos, através de ações docentes adequadas, o conhecimento científico, formal, abstrato, conforme as dimensões escolhidas na fase anterior; os educandos, por sua vez por meio de ações, estabelecerão uma comparação mental com a vivência cotidiana que possuem desse mesmo conhecimento, a fim de se apropriar do novo conteúdo.
 - b) Neste processo usa-se de todos os recursos necessários e disponíveis para o exercício da mediação pedagógica.
-

04 - Catarse

É a expressão elaborada de nova forma de entender a teoria e a prática social. Ela se realiza:

- a) Por meio da nova síntese mental a que o educando chegou; manifesta-se através da nova postura mental unindo o cotidiano ao científico em uma nova totalidade concreta no pensamento. Neste momento o educando faz um resumo de tudo o que aprendeu, segundo as dimensões do conteúdo estudadas. É a elaboração mental do novo conceito do conteúdo;
 - b) Esta síntese se expressa através de uma avaliação oral ou escrita, formal ou informal, na qual o educando traduz tudo o que aprendeu até aquele momento, levando em consideração as dimensões sob as quais o conteúdo foi tratado.
-

05 - Prática social final

Novo nível de desenvolvimento atual do educando, consiste em assumir uma nova proposta de ação a partir do que foi aprendido. Este passo se manifesta:

- a) pela nova postura prática, pelas novas atitudes, novas disposições que se expressam nas intenções de como o aluno levará à prática, fora da sala de aula, os novos conhecimentos científicos;
- b) pelo compromisso e pelas ações do que o educando se dispõe a executar em seu cotidiano pondo em efetivo exercício social o novo conteúdo científico adquirido.

Propostas de Atividades: O mural e representações de parteiras no ensino de história.

- **Conteúdo:** Patrimônio cultural intangível;

Memória histórica sobre o ofício das parteiras;

Estudo sobre o Mural das Parteiras em Itapetinga.

- **Objetivo Geral:**

Conhecer as práticas e as representações das parteiras em Itapetinga a partir do Mural das Parteiras e relacionar com outras praticas de partejamento no mundo identificando semelhanças, diferenças e continuidades históricas;

- **Objetivos específicos:**

Discutir o Mural das Parteiras enquanto representação do patrimônio cultural imaterial;

Problematizar o saber-fazer das parteiras com a memória coletiva da cidade;

Suscitar posicionamento crítico e reflexivo frente as construções de memórias e silenciamentos sobre as ações de pessoas comuns da cidade;

Conhecer o processo legal de patrimonialização de bens culturais imateriais no Brasil a partir do acesso à documentação do IPHAN;

Prática Social Inicial:

“ o trabalho inicial do educador é tornar o objeto em questão, objeto de conhecimento para aquele sujeito, isto é, para o aluno. Para que isto ocorra o educando deve ser desafiado, mobilizado, sensibilizado: deve perceber alguma relação entre o conteúdo e sua vida cotidiana, suas necessidades, problemas e interesses. Torna-se necessário criar um clima de predisposição favorável à aprendizagem” Vasconcelos (1993,p. 42 *apud* Gasparin, 2012, p. 19).



Prática Inicial dos conteúdos/objetivo	Proposta de atividade	Tempo estimado para realização
<p>Identificar o conhecimento do/a estudante acerca do tema/conteúdo proposto.</p>	<p>Atividade 01: Bilhete de entrada o professor/a deverá inicialmente esclarecer sobre o tema ou conteúdo da aula e a seguir aplicar dinâmica bilhete de entrada a fim de verificar o conhecimento prévio do/a aluno/a sobre os conceitos que serão abordados no decorrer das aulas; É importante que o/a docente registre as curiosidades e interesses dos/das estudantes no decorrer da atividade.</p> <p>Questões norteadoras para a discussão:</p> <p>a) O que é mural artístico? b) O que explica a ocorrência do partejamento (por parteiras) ainda no século XX em uma cidade no interior da Bahia? c) Quais seriam os desafios enfrentados pelas parteiras? d) De que modo a prática do partejamento se relaciona com a formação sóciohistórica da cidade? e) Qual a importância de um bem cultural (imaterial) como o ofício das parteiras tornar-se um patrimônio cultural no Brasil?</p> <p>Atividade 02: Hora da conversa Socialização das respostas do bilhete de entrada mediado pelo/a professor/a: em roda de conversa os/as estudantes deverão compartilhar suas repostas com os/as colegas de sala.</p>	<p>02 Aulas</p>

•**Observação:** A ficha de aplicação da dinâmica está disponível nos anexos deste guia. Outra possibilidade é apenas projetá-lo para que o/a discente reproduza em seu caderno, conforme modelo a seguir:

	ENTRADA	SAÍDA
PATRIMÔNIO		
PATRIMÔNIO CULTURAL		
PATRIMÔNIO MATERIAL		
PATRIMÔNIO IMATERIAL		
IDENTIDADE		
MEMÓRIA		
HISTÓRIA		
CULTURA		



Alguns procedimentos práticos para esta etapa segundo Gasparin (2012, p. 23):

- Anunciar a unidade e subunidades de conteúdo e os objetivos que serão trabalhados;
- Esclarecer que o levantamento da realidade sobre o tema consistirá em questões, perguntas e constatações e informações;
- Desafiar cada educando a manifestar tudo o que já sabe sobre o tema;

Problematização

Problematização /objetivo	Proposta de atividade	Tempo estimado para realização da atividade
<p>Proporcionar questionamentos e atividades que possibilitem a passagem da percepção inicial (senso comum) à cultura elaborada.</p>	<p>Atividade 03: O que é patrimônio imaterial ?</p> <ul style="list-style-type: none">• Exibição do vídeo sobre o Patrimônio cultural e roda de conversa explorando os conceitos enunciados no vídeo;• Questionamentos sobre a percepção dos/as estudantes sobre a abordagem do vídeo e o patrimônio em sua cidade; <p>Vídeo: Educa Periferia. O que é Patrimônio material e imaterial. Youtube. 19 de outubro de 1922. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CLpBg8x-gdY . Acesso em 23 de abril de 2023.</p> <p>Atividade 04: De olho no texto</p> <ul style="list-style-type: none">• Leitura e reflexão de textos contemplando a discussão sobre o patrimônio cultural, memória e história. <p>Discussão a partir de fragmentos do texto: D’ALESSIO, Márcia Mansor. Metamorfoses do patrimônio: o papel do historiador. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasília, n. 34, p. 88-89, 2012. (anexo)</p> <p>http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat34_m.pdf. Acesso em 10 de fev.2024.</p>	<p>02 Aulas</p>

Problematização

Problematização /objetivo	Proposta de atividade	Tempo estimado para realização da atividade
<p>Proporcionar questionamentos e atividades que possibilitem a passagem da percepção inicial (senso comum) à cultura elaborada.</p>	<p>Atividade 05: Apresentação do tema do ofício das parteiras:</p> <ul style="list-style-type: none">• Realizar uma visita à instituição onde está abrigada a obra de arte para proporcionar a fruição antes da fase de problematização propriamente dita. <p>Na impossibilidade do deslocamento, pode-se substituir levando para a sala a imagem do mural ou exibi-la através da projeção.</p> <p>Questões para discussão: Conhecendo o Mural das Parteiras</p> <ul style="list-style-type: none">• DIMENSÃO CONCEITUAL/CIENTÍFICA: <ol style="list-style-type: none">a) Você já conhecia esta obra de arte?b) Sabe o que é um mural?c) O título da obra: Mural das Parteiras. Você sabia que em Itapetinga existiam parteiras atuando até aproximadamente o final da década de setenta?d) E você conhece ou já ouviu falar em parteiras?	<p>02 Aulas</p>

Problematização

Problematização /objetivo	Proposta de atividade	Tempo estimado para realização da atividade
<p>Proporcionar questionamentos e atividades que possibilitem a passagem da percepção inicial (senso comum) à cultura elaborada.</p>	<ul style="list-style-type: none">• DIMENSÃO POLÍTICA, CULTURAL E SOCIAL:<ul style="list-style-type: none">a) O mural está abrigado na FACI – Fundação e Associação Cultural Itapetinguense Você conhece este espaço? Considera que seja um local adequado? Justifique.b) Para você qual a relevância do trabalho das parteiras para a cidade?c) E qual a relevância histórica de se representar em uma obra artística o ofício de parteiras que atuaram na região?d) É possível a existência de parteiros?e) Qual a origem étnica e econômica das parteiras? Deve-se estudar para ser parteira ou possuir alguma formação específica? • DIMENSÃO ESTÉTICA:<ul style="list-style-type: none">a) O que te chama atenção na obra no aspecto artístico?b) Quais impressões ou sentimentos a obra traz para você?	<p>02 aulas</p>

Problematização

Problematização /objetivo	Proposta de atividade	Tempo estimado para realização da atividade
Proporcionar questionamentos e atividades que possibilitem a passagem da percepção inicial (senso comum) à cultura elaborada.	<ul style="list-style-type: none">• DIMENSÃO ECONÔMICA E RELIGIOSA <p>a) As parteiras devem professar alguma religião específica?</p> <p>b) Qual a importância da existência de parteiras para as comunidades em alguns estados do Norte e Nordeste do Brasil?</p> <p>c) As parteiras deveriam ser remuneradas? Quem deveria pagá-las, a parturiente ou o Estado?</p> <p>Atividade 06: Bilhete de saída Ao retornarem à sala de aula ou em aula subsequente: aplicação da dinâmica: bilhete de saída para reelaboração dos conceitos e propor que os/as alunos/as relacionem as parteiras do mural à memória, cultura e história da cidade de Itapetinga.</p>	02 aulas

Gasparin (2012) sugere que nesta etapa o professor/a pode lançar mão também dos conteúdos que constam nos livros didáticos, utilizando-os como instrumentos de levantamento de questões sociais.

Alguns procedimentos fundamentais nesta fase segundo Gasparin (2012, p. 43-44):

- Identificação e discussão sobre os principais problemas postos pela prática social e pelo conteúdo;
- Transformação do conteúdo e dos desafios da prática inicial em questões problematizadoras.



Instrumentalização

Instrumentalização/ objetivo	Proposta de atividade	Tempo estimado para realização
<p>Apropriar dos conteúdos sistematização e equacionamento das questões propostas nas questões sociais.</p>	<p>Atividade 07: Painel de discussão</p> <p>A partir das questões suscitadas na fase da problematização e com os dados trazidos de casa os/as alunos/as deverão analisar a discutir sobre a presença das parteiras no Brasil, utilizando para tanto imagens, vídeos, documentários, excertos de textos etc.</p> <p>Lembrar que a aula deve ser expositiva-dialogada, mediada pelo professor/a e solicitando que os/as estudantes façam anotações, as quais utilizarão em etapas posteriores;</p> <p>Atividade 08: Rotação por estações</p> <p>Esta etapa é composta por um ciclo grande. Trata-se de uma adaptação da dinâmica rotação por estações- que permite abarcar uma maior multiplicidade de linguagens em torno de determinado tema.</p> <p>A atividade é constituída por várias propostas que denominamos estações pelas quais os/as estudantes passarão, a fim de acessarem algumas fontes que foram problematizadas na pesquisa historiográfica: Imagem do Mural das Parteiras, excertos de textos literários, excertos do documento Dossiê Parteiras Tradicionais do BRASIL IPHAN (2021), letras de música, artigo de jornal, etc.</p> <p>A atividade deverá ser realizada em pequenos grupos que receberão fichas com questões equivalentes às fontes de cada estação;</p>	<p>05 aulas</p>

Estação 01:



EXPLORANDO O DOSSIÊ DAS PARTEIRAS TRADICIONAIS (IPHAN,2021)

O Dossiê das Parteiras Tradicionais é fruto da parceria da Universidade Federal do Pernambuco-UFPE, o Instituto Nômade e as interlocuções com diversas associações de parteiras do norte e nordeste do Brasil. Trata-se de um documento com 292 páginas elaborado a muitas mãos, com vistas ao processo de registro no livro de Saberes do IPHAN e posterior reconhecimento como patrimônio cultural intangível.

Leia um fragmento do Dossiê sobre as parteiras indígenas Pankararu (PE).

Um exemplo muito significativo de repasse do ofício de parteira é o das parteiras indígenas Pankararu (PE), etnia com o maior número de partos domiciliares no estado de Pernambuco e cujo número de parteiras apresenta tendência de aumento. A estratégia incorporada por essas parteiras é a adoção de aprendizes presentes nos atendimentos, como aponta a pesquisa feita por Lilian Sampaio de Barros (2019): (...) ter a companhia de um aprendiz também surge como uma identidade da parteira Pankararu. Nas capacitações, oficinas, qualificações e reuniões em geral, as parteiras dessa etnia costumam "andar", como costumam dizer, ao lado da pessoa que ela está iniciando no ofício. "Uma parteira Pankararu não anda só, sobretudo em atividades ligadas ao partejar" (Barros, 2019, p. 169). Nas comunidades Pankararu, as jovens procuram outras profissões que garantam o seu sustento, tal qual apontado em outras comunidades. No entanto, mesmo parteiras mestras, como Mãe Dora, associam o trabalho formal como agente de saúde com o ofício de parteira. Nas palavras da pesquisadora e de uma parteira Pankararu: O parto domiciliar faz parte da cultura do povo Pankararu e para que esse saber não se perca, as parteiras e aprendizes tem plena consciência de que a adoção do ensino de aprendizes é uma estratégia de perpetuação por que, como anteriormente apontado, os jovens estão buscando profissões para inserção no mundo contemporâneo e para seu sustento (IPHAN, 2021, p.85).

Fonte: Dossiê das Parteiras Tradicionais. Disponível em:
https://www.gov.br/iphan/ptbr/assuntos/noticias/copy_of_Dossie___Parteiras_Tradicionais_do_Brasil.pdf. Acesso em 10 de fev. de 2024.

Questões sobre o texto



- Comente sobre a estratégia utilizada pelas indígenas para preservação do ofício de parteiras entre o povo Pankaruru.
- Em sua opinião a necessidade de se inserir no mercado de trabalho em outra profissão para se “garantir o sustento” pode ser considerada como ameaça a preservação do bem cultural de partejar? O que poderia ser feito para conciliação das duas atividades?
- Considerando a permanência do partejamento entre o povo indígena Pakararu qual seria a importância do reconhecimento e patrimonialização do ofício das parteiras tradicionais pelo IPHAN?

Estação 02:



Encontro com a literatura

A literatura também já registrou o ofício das parteiras pelo Brasil.

Nesta estação você encontrará duas obras para analisar pequenos fragmentos.

O primeiro livro é *Torto Arado* do escritor baiano Itamar Vieira Júnior, no qual uma das personagens é uma parteira.

O chão de nossas casas e dos caminhos da fazenda era de terra. De barro, apenas, que também servia para fazer a comida de nossas bonecas de sabugo, e de onde brotava quase tudo o que comíamos. Onde enterrávamos os restos de parto e o umbigo dos nascidos. Onde enterrávamos os restos dos nossos corpos. Para onde todos desceriam algum dia. Ninguém escaparia (Vieira Júnior, 2019, p. 20).

O segundo livro “*Bem-vindo à Itapetinga*” romance de escritora itapetinguense Oslúcia Félix Fonseca Carvalho baseados em casos do cotidiano da cidade em seus primeiros anos. A autora narra um caso em que sua mulher sentindo fortes dores foi levada ao médico pelo marido, mas que este ao perceber que sua esposa seria atendida por um enfermeiro se mostrou insatisfeito e antes mesmo do médico proceder à consulta ele protestou: “é por isso que eu não gosto de doutro home, consultando mulé minha. O certo mesmo é dotora mulher ou parteira, esperneou o marido sentindo-se semi traído” (Carvalho, 2005, p. 207).

- Em relação ao primeiro fragmento extraído de *Torto Arado*, identifique um ato simbólico praticado por muitas parteiras no passado:
- Segundo a historiadora Del Priore (1993) ter preferência em ser consultada por parteira ou outra mulher do que médico ou outro profissional do sexo masculino era comportamento bastante comum no Brasil colonial e até mesmo no século XIX e também o comportamento do marido como retratado pela escritora Itapetinguense. Apresente argumentos que expliquem a mudança de comportamento das mulheres, visto que muitas, atualmente consultam com ginecologistas e obstetras homens sem grandes problemas; Comente também o comportamento apresentado pelo marido no fragmento do texto, ainda encontramos posicionamentos semelhantes? Justifique sua resposta argumentando historicamente.

Estação 03



Encontro com a música:

Nesta estação vamos ouvir a música “Samarica parteira” gravada por Luiz Gonzaga em 1974 pela gravadora Odeon.

Escute a música com seus colegas e a seguir represente como desenho artístico.

Redija uma legenda para seu desenho considerando os aspectos históricos e culturais referentes ao nascimento com parteira e os aspectos que implicavam na presença da parteira e do parto em domicílio no Brasil.

O Dossiê poderá ser utilizado como fonte de pesquisa se necessário;

Samarica parteira. Disponível em: <https://luizluagonzaga.com.br/samarica-parteira/> Acesso em: 7 fev. 2024
Vídeo e áudio: Samarica Parteira. 1 vídeo (10min.) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6k_3Ex_dZBo/ Acesso em: 7 fev. 2024.

Estação 04



Encontro com o jornal:

O Jornal é uma excelente fonte histórica com uma linguagem específica. Podemos encontrar nele informações que retratam a mentalidade de uma época, uma comunidade etc.

Leia a matéria que foi publicada no Jornal Dimensão de Itapetinga em 1995.



Fonte : Foto cedida por colaboradora da pesquisa

- Identifique no jornal:
- O autor da matéria:
- A data:
- Embora a matéria tenha sido redigida em Salvador, o autor refere-se à qual realidade em Itapetinga?
- O autor cita a parteira representada no Mural das Parteiras, dona Maria das Tranças. Segundo a fonte, qual seria sua relação coma parteira?
- Considerando que o Hospital Santa Casa de Misericórdia de Itapetinga (Hospital Cristo redentor) foi inaugurado em 1970, interprete o significado do trecho do jornal:
- “[...] a primeira pessoa internada no hospital seria uma parturiente pobre. Uma tarde sai [...] para procura-la no bairro mais pobre de Itapetinga: Rola Pote; achei a parturiente, examinei-a internei –a no Hospital. Na mesma noite que inaugurei o Cristo Redentor (...) a parturiente deu à luz uma criança do sexo feminino” Aguiar, Aginaldo Jornal Dimensão, 1995.

Estação 05



Encontro com curta metragem:

Nosso encontro agora é uma fonte histórica muito importante que através da linguagem audiovisual também nos auxilia na tarefa de fazer perguntas aos documentos, estabelecer relações com outras leituras.

Assista a uma pequena curta metragem *SIMBIOSE* (2017) *Simbiose* - Direção: Júlia Morim. Produção: Institutos Nômades. Gênero: documentário. Dvd (20min.): ntsc, Son, color, 2017. O curta apresenta a vida da parteira pernambucana Maria dos Prazeres.

a) Após assistir ao vídeo: relacione o uso da expressão simbiose pela parteira com a forma que ela defende a prática do partejamento;

b) Para você é possível coexistir os saberes populares com os saberes da biomedicina?
Como estes saberes são percebidos por você em seu cotidiano?

Estação 06



Estação do encontro

Nesta estação você vai esperar os demais colegas e, a seguir de posse de suas anotações que foram desenvolvidas nesta jornada com a mediação do/a professor/a vocês deverão discutir o que foi apreendido em cada estação.

Escolha dentre vocês um ou dois colegas que deverão anotar as ideias sistematizando-as; Ao final das exposições de cada grupo a partir da sistematização, produza um texto dissertativo coletivamente discorrendo sobre a história, memória do ofício de partejar.



Tome nota: Nossa sugestão é de que todos os grupos percorram todas as estações de atividades. Entretanto, conforme o aprofundamento do tema, a intenção do professor/a, a quantidade de estudantes na sala e tempo disponível, o/a docente poderá agrupar a sala em percursos diferentes a fim de otimizar a atividade e ao final, explorar as ideias e impressões de todos no momento coletivo.

Ao adotarmos a rotação por estação como parte constitutiva dessa etapa, concordamos com Gasparin (2012) sobre atos didáticos -pedagógicos mediadores de aprendizagem, entre outros: exposição dialogada, leitura do mundo, leitura orientada de textos selecionados, trabalhos em grupos, pesquisa sobre o tema, entrevistas com pessoas –fonte, palestras, análises de vídeos ou filmes, uso de recursos audiovisuais, e debates, discussões etc. Importante lembrar também que para a realização de atividades mentais como compreender, analisar, sintetizar, avaliar etc.

Catarse

“A catarse é a síntese do cotidiano e do científico, do teórico e do prático a que o educando chegou, marcando sua nova posição em relação ao conteúdo e à forma de sua construção social e sua reconstrução na escola” (Gasparin, 2012, p. 124).

“[...] a expressão elaborada da nova forma de entendimento da prática social a que se ascendeu [...] passagem da síncrese à síntese; em consequência manifesta-se nos alunos a capacidade de expressarem uma compreensão da prática em termos tão elaborados quanto era possível ao professor” (Saviani, 1999, p. 81-82).

Catarse/ Objetivo	Proposta de atividade	Tempo estimado para realização
Situat e entender as questões sociais propostas na primeira etapa, se expressar de forma sintética	Atividade 09: Entrevista Proposta de pesquisa baseada na história oral: Os/As estudantes com a mediação do/a professor/a deverão elaborar um roteiro de entrevistas; A sala será dividida em pequenos grupos conforme os bairros comuns entre os/as estudantes). O objetivo é identificar pessoas cujos nascimentos ocorreram por mãos de parteiras, identificar parturientes, presença de parteiras/os no bairro etc. O modelo de ficha encontra-se em anexo.	4 aulas

Prática final/ Objetivo	Proposta de atividade	Tempo estimado para realização
<p>Entender as questões sociais propostas na primeira etapa e se expressar de forma sintética</p>	<p>Atividade 10: Socialização das entrevistas</p> <p>Reunidos em pequenos grupos, os/as estudantes deverão socializar as entrevistas entre si e criarem uma estratégia de apresentação para a sala relacionando aos conceitos já problematizados: memória, cultura, patrimônio relevância histórica e social das parteiras;</p> <p>Atividades que os/as estudantes podem realizar na socialização: atividades que poderão ser realizadas: álbum digital, teatro, textos em prosa ou poesia.</p> <p>Atividade 11: Aula de campo</p> <p>Retorno à instituição (FACI) que abriga o Mural das Parteiras. Os/as estudantes em conjunto com a/o professor/a deverão elaborar uma ficha com os principais aspectos que serão observados durante a atividade;</p> <p>Previamente o/a professor/a deverá entrar em contato com o diretor e/ou responsável pela instituição e apresentar a proposta da atividade a fim de contemplar os objetivos e os pontos elencados no roteiro dos/as estudantes;</p> <p>Caso não seja possível novo acesso ao local, poderão convidar o autor da obra ou o diretor da Instituição para uma entrevista a ser agendada e realizada no próprio colégio;</p> <p>As informações deverão ser sistematizadas pelos estudantes individualmente ou nos grupos de trabalho.</p>	<p>4 aulas</p>



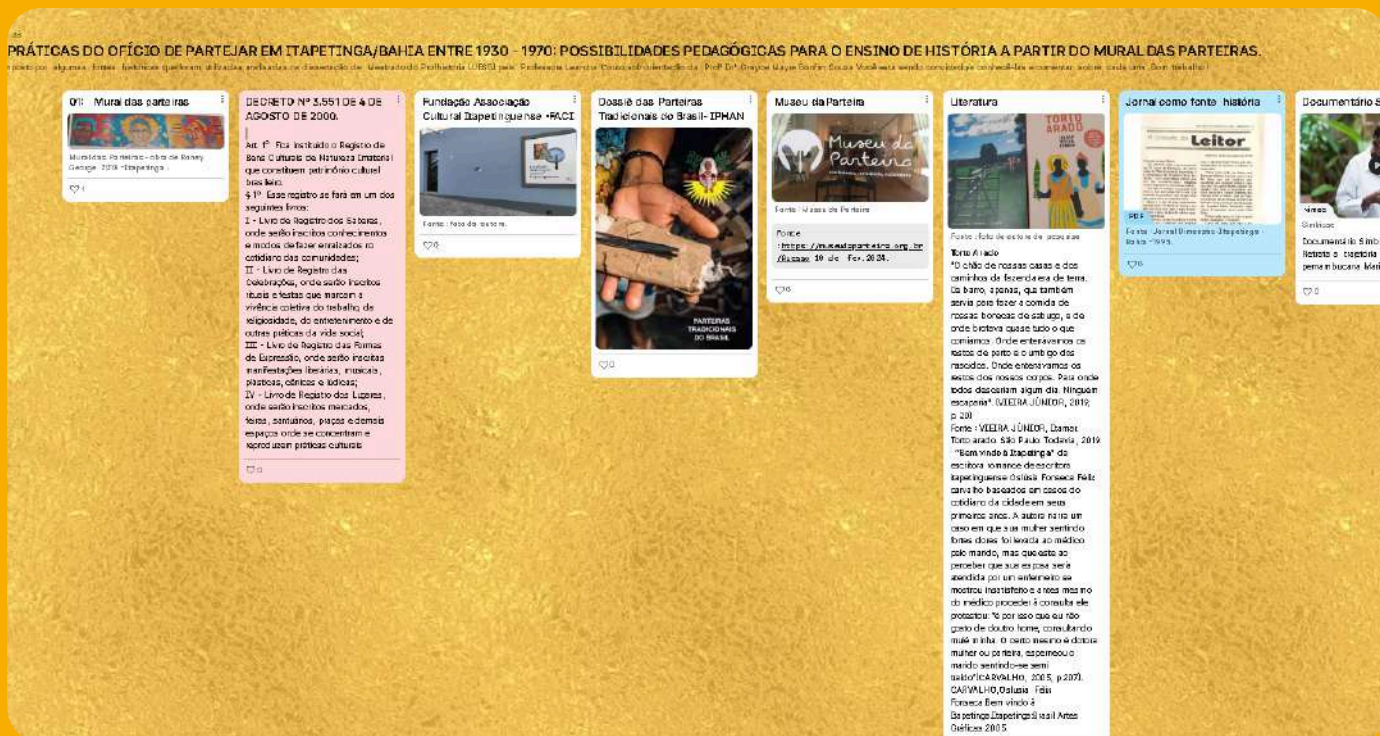
Prática final/ Objetivo	Proposta de atividade	Tempo estimado para realização
<p>Compreender o processo de pesquisa histórica por meio das fontes de pesquisa:</p> <p>Posicionar-se criticamente frente ao conteúdo e documento;</p> <p>Manifestar nova postura e atitude e visão de mundo.</p>	<p>Atividade 12: Para além do mural</p> <p>O/as estudantes deverão acessar o link do mural digital (padlet) e se manifestarem em relação às fontes históricas sobre o tema do ofício das parteiras. Poderá ser a realizado em laboratório de multimídia da unidade escolar caso seja possível ou realizada como atividade extraclasse no próprio celular no estudante ou outro recurso e ainda, em formato impresso e distribuído individualmente ou para os grupos;</p> <p>Após o período de discussão estipulado pelo/a professor/a deverão socializar as ideias em formato de painel coletivo e pontuarem a melhor estratégia para publicizarem o tema (pod cast, folder digital ou impresso, cartazes, painéis artísticos). Poderão compartilhar em para redes sociais do colégio, em programas de rádios da cidade^[1], jornais locais etc. Podem produzir um texto, gravá-lo em arquivo de áudio e a seguir utilizando a tecnologia do Q-R Code entregar à instituição onde o mural foi realizado para que este arquivo seja acessado pelos visitantes da Instituição.</p> <p>Assim, além de possibilitar que as pessoas da cidade tenham acesso mural de forma contemplativa, poderão também acessar o conteúdo produzido pela pesquisa e pelos estudantes.</p>	<p>02 aulas</p>

³No Município de Itapetinga, um programa de Rádio Local já possui um quadro: Papo de Historiador, o professor de história responsável por esta programação oferece espaço para comunicações, debates e entrevistas focalizados em temas de históricos. Acreditamos na possibilidade de medição e divulgação do trabalho a partir da perspectiva dos/as estudantes.



Prática final/ Objetivo	Proposta de atividade	Tempo estimado para realização
<p>Posicionar-se criticamente frente ao conteúdo e documento;</p> <p>Manifestar nova postura e atitude e visão de mundo.</p>	<p>O texto/áudio deve contemplar as dimensões do patrimônio cultural, a memória e história das cidades, discutir as questões políticas, econômicas e culturais que envolvem o ofício das parteiras.</p> <p>Atividade complementar a esta encontra-se no quadro de expressão da síntese pelo aluno/a para registro de ações e intenções (anexo). Sugerimos que seja realizado coletivamente após o acesso ao mural digital ou substituindo-o conforme o caso.</p>	<p>02 aulas</p>

Mural digital (Imagem do Padlet)



Fonte : Imagem Padlet

<https://padlet.com/leandracoutoprofessora/mem-rias-e-pr-ticas-do-of-cio-de-partejar-em-itapetinga-bahip0mvgxct8b14dri5>

Conclusão

Ao final de nossa proposição didática queremos compartilhar com vocês nosso desejo de um trabalho profícuo e prazeroso. Sabemos que no cotidiano de nossas salas somos desafiados por uma série de atravessamentos e por vezes, precisamos mudar estratégias, adequar atividades etc. Isso advém de nossa sensibilidade, senso de compromisso e responsabilidade. Que cada aula de história seja um espaço para problematizar, discutir, desmistificar conceitos, combater preconceitos, ensinar conteúdos e, principalmente, promover encontros felizes. Bom trabalho!

Professora Leandra Couto



ANEXOS

Anexo 01:

Dinâmica do Bilhete



Esta atividade está dividida em dois momentos. No primeiro momento apenas escreva o que você sabe sobre os conceitos abaixo, no campo bilhete de entrada e aguarde as demais instruções:

Atenção: Não deve consultar dicionário ou qualquer outro material.

	BILHETE DE ENTRADA	BILHETE DE SAÍDA
Patrimônio		
Patrimônio Cultural		
Patrimônio Material		
Patrimônio Imaterial		
Identidade		
Memória		
História		

Anexo 02

Leitura de texto - Metamorfoses do patrimônio: o papel do historiador



O Brasil dos anos 70 assiste a uma profusão de estudos sobre memória. Além do reconhecimento da ligação “umbilical” entre memória e identidade, ganharam destaque as reflexões sobre a relação memória/história. Uma evidência se tornou premissa nesse campo de investigação: lembrança e esquecimento são partes de um mesmo todo. Talvez esta tenha sido a conquista historiográfica decisiva para o alargamento da concepção de patrimônio histórico das últimas décadas. Além da reivindicação de incorporação de todos os grupos sociais, em todas as suas manifestações, à memória do país, recuperando passados esquecidos, os sujeitos históricos envolvidos nessa movimentação – tanto estudiosos do tema, como os movimentos sociais – criaram a expressão “direito à memória”, conferindo cidadania às lembranças e assinalando a preponderância das identidades de grupos e classes em relação à identidade nacional. Essas reflexões e essas posturas geraram em 1992, uma publicação justamente com o título: O direito à memória. Patrimônio histórico e cidadania, coletânea de estudos apresentados em Seminário Internacional, promovido pelo Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo (Cunha, 1992).

Além disso, a multiplicidade de memórias produzidas tem historicamente levado à disputa entre elas, o que influi decisivamente na decisão do que deve ser preservado. A memória torna-se, assim, um lugar de disputa política e as múltiplas ideias de preservação revelam a dimensão dos conflitos sociais. Não só a memória vem sendo dessacralizada, mas também o discurso historiográfico. Com efeito, se o século XIX foi, como disse Gabriel Monod, o século da história (Monod, 1876, p. 21), o XX foi o século do seu desencantamento, porque o conhecimento histórico, ele próprio, tornou-se objeto de investigação do historiador, ou seja, a historiografia foi colocada no tempo, o que levou à desconstrução de interpretações únicas e verdades a-históricas. Nesse processo, experiências silenciadas aparecem, fontes novas são descobertas e outros suportes de memória alargam o conceito de patrimônio. Podemos concluir, portanto, que o debate sobre preservação é paralelo ao debate sobre a natureza do conhecimento histórico (Paoli apud Cunha, 1992, p. 25), o que põe a história, mais uma vez, na condição de disciplina importante para a discussão sobre patrimônio cultural.

Fonte: D’ALESSIO, Márcia Mansor. Metamorfoses do patrimônio: o papel do historiador. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasília, n. 34, p. 88-89, 2012.

Anexo 02

Leitura de texto - Metamorfoses do patrimônio: o papel do historiador



01. Após a leitura do texto anote suas conclusões para discussão em sala de aula.
02. Se posicione sobre a relação:
 - História e memória;
 - Lembrança e esquecimento.
03. Todos os grupos sociais devem ter direito à memória. Cite pelo menos uma manifestação de algum grupo social que em sua opinião deveria ser mais evidenciado nos estudos escolares.
04. Comente este trecho: “A memória torna-se, assim, um lugar de disputa política e as múltiplas ideias de preservação revelam a dimensão dos conflitos sociais”.

Anexo 03



Modelo de roteiro para entrevista com mulheres que tiveram filhos com parteiras:

- 1) Qual o seu nome completo?
- 2) Qual a sua idade?
- 3) Em que cidade nasceu?
- 4) Quantos filhos você teve?
- 5) Quando nasceu seu primeiro filho/a?
- 6) Quantos/as nasceram por parteiras?
- 7) Quais foram as parteiras que fez ou fizeram o seu parto?
- 8) Por que escolheu ter filhos com parteiras?
- 9) Como foi experiência de ter filhos pelas mãos das parteiras?
- 10) Como era sua relação com a/a parteira /s?
- 11) O que a senhora destacaria como marcante no parto com parteira?

Anexo 04



Quadro adaptado de modelo proposto por Gasparin (2012)

	INTENÇÕES DO ALUNO	AÇÕES DO ALUNO
Mural das parteiras		
Patrimônio Cultural Imaterial		
Memórias saberes e práticas das parteiras		
História da cidade e sua relação com a história das parteiras		
Memória		
História		

Título: MEMÓRIAS E PRÁTICAS DO OFÍCIO DE PARTEJAR EM ITAPETINGA/BAHIA ENTRE 1930 - 1970: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DO MURAL DAS PARTEIRAS.

Olá! Este mural é composto por algumas fontes históricas que foram utilizadas analisadas na dissertação de mestrado do ProfHistória (UESB) pela professora Leandra Couto! Você está sendo convidado/a conhecê-las e comentar sobre cada uma. Bom trabalho!

Escreva uma frase se posicionando sobre uma das fontes que foram estudadas na temática da unidade. Em sala, compartilhe com seus colegas:

- Mural das Parteiras (obra de Roney George -2018)



Mural das Parteiras - obra de Roney George 2018 -Itapetinga. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

- Capa do Dossiê Parteiras Tradicionais



Capa do Dossiê Parteiras Tradicionais

Fonte: Imagem da autora da pesquisa

Modelo adaptado do padlet para impressão:

- Fachada da FACI-Fundação Associação Cultural Itapetinguense.



Fachada da FACI - Fundação Associação Cultural Itapetinguense

Fonte: Imagem da autora da pesquisa

- Imagem de capa do site do Museu da Parteira



Imagem de capa do site do Museu da Parteira

Fonte: Imagem do Museu da Parteira

- Capa do Livro Torto Arado (Itamar Vieira Júnior) e Bem-Vindo à Itapetinga (Oslúsia Félix Fonseca Carvalho)



Imagem: Capa do Livro Torto Arado (Itamar Vieira Júnior) e Bem-Vindo à Itapetinga (Oslúsia Félix Fonseca Carvalho) Fonte: Imagem da autora da pesquisa

- Jornal Dimensão Itapetinga - 1995



Jornal como fonte história

Fonte : Jornal Dimensão-Itapetinga -Bahia -1995(cedido por colaborador da pesquisa)

- Decreto 3.551/2000 • DECRETO Nº 3.551, DE 4 DE AGOSTO DE 2000.
- Art. 1º Fica instituído o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro.
- § 1º Esse registro se fará em um dos seguintes livros:
- I - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;
- II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;
- III - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;
- IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

BRASIL. Decreto No. 3551 de 04 de agosto de 2000. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 07 ago. 2000. p.2.

Referências

- BARROS, José D'Assunção. A história cultural e a contribuição de Roger Chartier. *Diálogos Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, Maringá*, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305526860014>. Acesso em: 22 ag.2023.
- _____. BARROS, José D'Assunção. História cultural e história das ideias. *Cultura - Revista de História e Teoria das Ideias*, v. 21, p. 259-286, 2005.
- BURKE, Peter. (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.
- BITTENCOURT, Maria Circe. *Saber Histórico na Sala de Aula*. São Paulo: Contexto, 2012.
- BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade. Lembranças de velhos*. SP: T. A. Queiroz/EDUSP, 1987.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou, O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CAMARGO, A:QUELUZ. Marilda. *Tecnologia e arte reflexões sobre o mural de Poty da UTFPR*. *Tecnol. & Hum.*, ano 24, n. 38, jan./jun. 2010.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural – entre práticas e representações*, Lisboa: DIFEL, 1990.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; FONSECA, Maria Cecília Londres. *Patrimônio imaterial no Brasil: legislação e políticas estaduais*. Brasília: Unesco/EducarTE, 2008.
- CORRENT, Nikolas. *História oral & história das mulheres: entre silenciamentos e memórias*. *História e Cultura. Dossiê Temático*. V.11, n.1, jul./2022.
- CRUZ, Zoraide Vieira. *O ato de Partear: memórias, saberes e práticas de parteiras tradicionais no sudoeste baiano*. 2019. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Memória, linguagem e Sociedade) Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Campus UESB de Vitória da Conquista. 2019.
- D'ALESSIO, Márcia Mansor. *Metamorfoses do patrimônio: o papel do historiador*. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, n. 34, p. 88-89, 2012.
- DEL PRIORE, Mary. *Ao Sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil colônia*. Rio de Janeiro: EdUnB, José Olímpio, 1993.
- FLORENCIO, Sonia Rampim e outros. *Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos*. Brasília: Iphan/DAF/Cogedip/Ceduc, 2014, p.5-28.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. *Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio*. In: *Patrimônio imaterial: o registro do patrimônio imaterial: dossiê final das atividades da comissão e do grupo de trabalho patrimônio imaterial*. IPHAN. 4. ed. Brasília, 2006.
- FONSECA, Selva Guimarães. *História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História*. Associação Brasileira de História Oral, Rio de Janeiro, v.9, n.1, 2006.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- GASPARIN, João Luiz. *Uma didática para a pedagogia histórico-crítica*. 5 ed. ver., 2. Reimpr. –Campinas, SP: Autores Associados, 2012.
- GIL, Carmem Zeli de Vargas. *Investigações em Educação Patrimonial e Ensino de História (2015-2017)*. *Revista de Pesquisa Histórica – Clio*. Volume 38, p. 107-127 (Jan-Jun, 2020).
- _____. PACIEVITCH, Caroline; PERUSSATTO, Melina Kleinert. *Pensar historicamente com a educação patrimonial: um não-guia*. *Sillogés*, v. 5, n. 1, p. 56-87, 2022. Disponível em: <https://historiasocialecomparada.org/revistas/index.php/silloges/issue/view/11>. Acesso em 28 set. 2023.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *O patrimônio como categoria de pensamento*. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora. *Revista dos Tribunais*, 1990.
- IPHAN. *Dossiê Parteiras Tradicionais do Brasil. Pesquisa dos Saberes e Práticas das Parteiras Tradicionais do Brasil com vistas à instrução do Processo de Registro como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil*. TED 02/2018 - Iphan MinC. Recife, 2021.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4.ed. Campinas: Unicamp, 1996
- MONTEIRO, Ana M. *Professores de História: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- MOTT, Maria Lucia. *Mme Durocher: modista e parteira*. *Revista Estudos Feministas*, v. 2, n. 3, p. 101-116, 1994.
- PERROT, Michele. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

- PERROT, Michele. Minha história das mulheres. São Paulo: Contexto, 2007.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & História Cultural. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 94.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: Estudos Históricos, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989.
- SAVIANI, Demerval. Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política Ed. Revista –Campinas, SP: Autores Associados, 1999.
- _____. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.
- _____. A pedagogia histórico-crítica. Revista Binacional Brasil Argentina: Diálogo entre as Ciências, Vitória da Conquista, v. 3, p. 11-36, 2014.
- SILVA, Daniela Rodrigues da. Mulheres nas lutas de resistência à ditadura empresarial – militar na Bahia: dos estudos acadêmicos à produção de materiais didáticos. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós Graduação do Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória, Vitória da Conquista, 2021.
- SOUZA, Grayce Mayre Bonfim. Ramos, Rezas e Raízes: História, narrativas e benzimento no Sertão da Ressaca (1940-1990).Recife :Edupe, 2023.
- THOMPSON, Paul. A voz do passado – História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- TORNQUIST, C. S. Parteiros populares: entre o folclore e a escuta. Gênero, Niterói, v. 6, n. 1, p. 61-80, 2. sem 2005.

PARTEIRAS

"Mulheres santas"
"Escolhidas"
"Guiadas por Deus"
"Sabias"
Tantas definições
A elas são dadas que nem sei qual
escolher Observo o seu caminhar
Determinado
Porém cansado
E noto do outro lado da linha do
tempo
As bolsas escuras sob seus olhos
Seus músculos inferiores se formam
Como se me dissesse:
Ei! Sou eu que corro por essas
ladeiras
O balançar de seus quadris largos
Me diz que são elas que povoam essa
terra E seu sorriso contido
De sertaneja arretada
Informa que não sairei ilesa, se com
um de seus filhos eu mexer
Mas é sua postura de senhora
maternal, serena
Que me diz que não há sabedoria
mais admirável que a dela
Privo o meu escrever
Das conjunções e predicados
adequados Me limito ao meu sentir e
saber
E ao saber que quase nada sei sobre
elas Descubro que nada sei sobre
mim
Da ancestralidade de sua mente
Saem ensinamentos que nunca ouvi
Desde os primórdios da humanidade
Foram elas que nos trouxeram até
aqui
Das informações a mim deixadas

Nenhuma contempla a sua graça
Um de seus netos com orgulho
estampado na face, diz: "não foram
as brigas por terreno que forjou essa
cidade e sim, as mãos delas." Desabo
em mim outra vez
Afinal, se nada sei sobre elas
Como posso saber algo sobre mim?
Tento inutilmente sobre elas escrever
Mas como poderia?
30 linhas são poucas para registrar
toda uma vida
20 minutos é pouco para criticar
A invisibilidade sócio-histórica de
seu protagonismo nessa povoada
Dirijo meus olhos para suas faces
pintadas em um singelo retrato
Admiro os traços firmes e
apaixonados
De um artista por mim conhecido
Os seus olhos enigmáticos
Desafiadores, me intrigam
Me desligo de todo o resto
Ignoro as outras partes deste mural
E concentro em seus olhos irrealis
Captados em determinado momento
E descubro (mais uma vez)
Que nada sei sobre elas
Portanto, nada sei sobre mim.

Clara Trancoso - Setembro, 2022



Este material é parte integrante da dissertação intitulada: *Memórias e Práticas do Ofício de Partejar em Itapetinga/Bahia entre 1930-1970: Possibilidades Pedagógicas para o Ensino de História a partir do Mural das Parteiras* apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) em 2024.